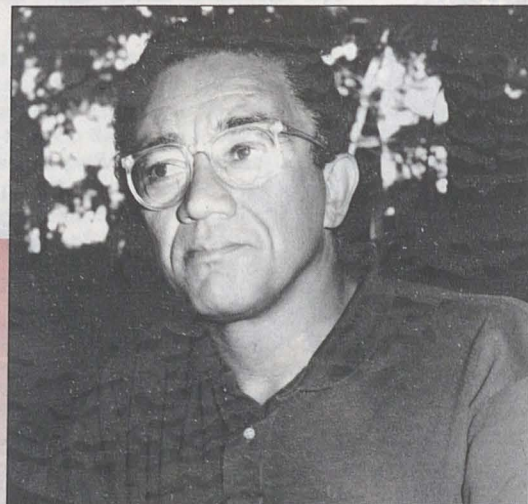


Estudando os mistérios da mente

Teórico de comunicação analisa o paranormal Thomas Green Morton, que ressuscita pequenos animais, verte perfume do próprio corpo e viaja no espaço, materializando-se e desmaterializando-se



Elias Fajardo

Um espanto. O professor Muniz Sodré de Araujo Cabral, coordenador de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos teóricos brasileiros mais respeitados no campo da comunicação, lança sua última obra, *Jogos extremos do espírito*, dedicado ao paranormal Thomas Green Morton.

No livro, Muniz lista o que Thomas é capaz de fazer: produzir ou transportar objetos; fazer queimar sem fogo ou chama visíveis; acender lâmpadas de uma rua sem tocar em interruptores; extrair tumores, cálculos ou sangue; transmutar, transformando papel laminado em metal pesado ou fazer ouro a partir de metal ordinário; fazer surgir raios ou luzes no ar; duplicar objetos; reconstituir dinheiro queimado; transformar, em alguns minutos, uma gema de ovo não-galado em pinto; produzir perfume saído do próprio corpo, ressuscitar peixes e pássaros; levitar ele próprio, Thomaz, ou fazer levitar objetos leves ou pesados; projetar-se ou teletransportar-se a distância, fazendo em instantes um percurso de 160 quilômetros.

Diante de fenômenos como esses, há duas reações mais comuns: deslumbrar-se ou dizer que é tudo mentira. Muniz Sodré tenta o caminho do meio, ou seja, procura traçar uma antropologia dos acontecimentos e personagens paranormais, algo tão comum no Brasil.

■ Por que você escreveu este livro?

— Minha intenção é rediscutir algo que abrange ciência e religião, que é o dogma da consciência. O Ocidente vive sob o império dela, entronizando-a como a única forma de conter, gerar e produzir razão. A consciência, portanto, é uma forma de dominação.

E entende-se como consciência uma operação reflexiva, no máximo uma reflexão sobre si mesma... Quer dizer, uma cobra que morde sua própria cauda.

Procurei historicizar a consciência, pois nem sempre ela existiu; ela surgiu num determinado momento histórico. Além disso, há no nosso dia a dia comportamentos reflexivos, instantâneos, automáticos, e não necessariamente conscientes. É possível até aprender sem a consciência. Quando toco piano ou dirijo carro, a consciência não está em ação. Aí atua apenas o processo motor, mecânico, aperfeiçoado e refinado.

A partir do exemplo do paranormal, repenso a consciência, e os dogmas que se seguiram a ela. Considera-se que a única verdade possível do conhecimento é a ciência, e a única verdade possível da fé é a religião. Quero apontar que existem outras verdades.

Não acredito em verdade como coerência absoluta, entendendo-a como um modo de ver o real tal e qual ele se dá e se apresenta. Esse é o conceito indiano de verdade. É isso que o Vedanta, que os *Upanishads* (textos sagrados indianos) dizem; ou que os negros africanos também estão dizendo.

■ *Você diz que, na aflição de uma situação limite, o indivíduo experimenta brechas na sua personalidade que subvertem sua estrutura psicológica. Nem todo mundo que vive uma situação limite se ilumina ou vira paranormal, mas isso acontece a muitos. Como vê esse processo?*

— Quanto às pessoas com poderes parafísicos, acho que se dá nelas uma intervenção do que chamo de *physis*, o poder de transformação presente na natureza. No mesmo tempo que a planta se mostra crescendo, é oculto o seu processo de florescimento. Ela brota e se mostra, mas ao mesmo tempo se retrai. Nessa retração há uma força de tração. É como nadar: puxo e retraio

a mão para trás, mas sou impulsionado para a frente. Ou seja, no fundo, é o recuo que me leva na natação.

Ora, todo movimento de tração, antipartícula, é contrário ao movimento para a frente, a força. Então, enquanto os poderes da consciência e da vigília se retraem em determinadas circunstâncias, geram força. Quando uma partícula encontra uma antipartícula em determinadas circunstâncias, a explosão das duas gera energia. Que circunstâncias são essas? Eu diria que são circunstâncias de alma.

A respiração pode ter influência em certos casos. Os fenômenos parafísicos, embora possam ser considerados um dom, podem também aparecer controladamente, educativamente. A tradição indiana indica que, através da respiração, é possível aprender a provocá-los.

■ *Você considera que os fenômenos parafísicos pertencem à physis, que é o poder transformador da natureza. É isso?*

— É isso. Só que eles não são banais. Eles são extraordinários, digamos, em relação a uma apropriação cognitiva que fazemos do mundo, chamada razão.

A razão do Ocidente é uma tecnologia, quero deixar claro isso. Nosso racional tem parâmetros, regras, técnica.

Então, há uma técnica também nesses fenômenos parafísicos, só que ela é irônica, e acaba sendo desvirtuadora da realidade porque perdemos a oportunidade histórica de nos debruçarmos para dentro de nós.

Os hindus, pela ascese e pela yoga, conseguem chegar a alguns desses fenômenos, embora isso não seja uma finalidade para eles. Não é um fim, isso é secundário. Mas para alguns, fazer aparecer fenômenos espantosos é o principal.

Existe também uma tecnologia interna, para dentro. O Ocidente tem uma tecnologia para fora, para construir avião, edifício, fazer objetos e armas. Enquanto isso, há uma tradição na Índia, donde, aliás, partiu boa parte desse conhecimento, que é para dentro. Até as matemáticas, na Índia, de certo modo, são para dentro, senão você não explicaria o fenômeno de um famoso matemático completamente analfabeto. Ele nunca foi à escola, era um caixeiro de loja, e começou, de repente, a fazer equações...

■ *Esses fenômenos parafísicos não são sujeitos à repetição intencional, na hora em que o indivíduo que os possui quer. Aí, surge o dilema do paranormal que se sente na obrigação de mostrar algo para o cético e algumas vezes cai na tentação de fraudar. Como é isso?*

— A fraude é uma questão antropológica. Ela tem vários níveis. Se sabe, por exemplo, que a simples simulação de um ato médico qualquer é capaz de gerar efeitos.

No início, o Thomaz Morton simulava as operações dele, no estilo Zé Arigó. Dizem que o célebre médium mineiro Arigó cortava realmente, metia a faca no olho do doente. Mas o Thomaz não tocava, ele simulava...

■ *E tinha o mesmo efeito?*

— Tinha o mesmo efeito. Foi o Zanata (especialista em alimentação natural que teve grande influência sobre Morton) quem lhe disse: "Você pode deixar de simular". E isso ele deixou de fazer, tanto que não toca hoje naquele que cura. Mas cura.

Temos o exemplo do cartunista Henfil, irmão do Betinho. O Henfil conheceu bastante o Thomaz, que o tirou do coma, mais de uma vez, no hospital, quando ele já estava na fase terminal da Aids. Bem antes disso, Henfil tinha pedra no rim e o Thomaz tirou-a simplesmente materializando-as na mão dele.

■ *Mas então de onde vêm as acusações de fraude?*

— A simulação implica uma fraude, quer dizer, vo cê aparentemente realiza um ato que não realiza. Mas, na verdade, tudo o que acontece tem força. Inclusive a fraude.

A propósito dos livros do Carlos Castañeda, as pessoas discutem se o índio mexicano Don Juan existiu mesmo. Para mim isso não tem importância, estou mais interessado no texto. Tem um episódio no livro muito significativo. Espantado, Castañeda constata que o carro dele sumiu. E ele pergunta a um dos bruxos: "Mas, desapaareceu realmente, não foi uma ilusão?" Os caras se torcem de rir e respondem: "Tudo o que acontece, acontece realmente". Isso significa que até a fraude é capaz de efeitos.

Mas esse é um certo nível de fraude. Há também a fraude mistificatória. Suponho que todos os paranormais famosos em um dado momento começam a fazer pequenas fraudes. No fundo, eles não suportam não controlar o incontrollável. Porque essa força é incontrollável, já que imprevisível.

■ *Você diz que um ceticismo excessivo na platéia atrapalha que o fenômeno aconteça.*

— Atrapalha. Thomaz tem um controle relativo desses fenômenos. Recentemente, eu estava num restaurante em Copacabana, numa mesa com ele e umas 30 pessoas. Ele resolveu me prestar uma homenagem: verteu perfume de rosas; eu sugeri mudar para sândalo e mudou. Depois mudou para perfume francês.

■ *Alguém na mesa havia sugerido este perfume francês...*

— Então, Thomaz se concentrou no livro que escrevi sobre ele, fez um esforço terrível, ficou muito vermelho e começou a pingar, brotar perfume de seu corpo. Num instante, você está diante do maravilhoso, um sujeito

"Tudo o que acontece tem força. Até a fraude é capaz de gerar efeitos"

cujo corpo é uma usina de perfume. No centro da testa, Thomaz tem uma mancha. De repente, esta mancha começou a crescer, se acendeu, ficou vermelha.

O fato de seu carro andar sozinho, sem ninguém dirigindo, não é do controle dele. Ele estava sentado atrás do volante; ele foi jogado, arremessado para o lado oposto, para o lado do acompanhante do motorista, como eu jogaria esse lápis aqui. Foi uma coisa até meio violenta. Aí o carro arrancou a toda velocidade, e o carro fez tudo na estrada sem ninguém dirigindo. O carro pára, ele sai, e o carro anda de novo, vem atrás dele como um cachorrinho. E tem vídeo mostrando isso.

■ *Mas outras pessoas fazem coisas assim...*

– Em Nova Iorque tem um sujeito que se deixa vender os olhos e depois dirige pela cidade inteira dessa forma. Quando termina, ele diz: “Olha, isso é truque, mas eu pago para ver quem quiser fazer o mesmo”.

■ *Mas o Thomaz é muito mais extraordinário...*

– Eu não gosto de relatar casos porque Jung mesmo diz: “Relatar casos isolados não significa nada”. Você acaba entrando nodescrédito exatamente no relato, porque parece que está deslumbrado.

Mas sei – e nem botei isso no livro – com certeza absoluta de gente que saiu da casa dele em Pouso Alegre, que normalmente dá umas quatro horas até o Rio, e chegou aqui no Rio uma hora antes da que saiu de lá.

■ *Viajou no tempo...*

– Mas não foi só uma vez, foram várias vezes, com ele no carro. Uma vez, num jantar na casa de Dona Inês Besouchê, de repente Thomaz sumiu e foi aparecer no Méier, sentado numa cadeira de barbeiro. Ele tem barba e pensou em fazer barba; sumiu e apareceu numa cadeira de barbeiro. E no salão do barbeiro, onde tinha até uma fila, ninguém entendeu como ele apareceu sentado com uma toalha no pescoço.

■ *Por trás disso tudo, você está interessado em discutir o ato de crer?*

– Não espero que as pessoas acreditem nisso. Estou discutindo o ato de crer. Acho, inclusive, que não crer pode ser, em certos casos, muito são. Porque o senso comum estabiliza a consciência, é uma coisa importante. O senso comum nos garante uma certa estabilidade de representações, de crenças.

■ *Então, como transitar harmoniosamente entre o ceticismo e a credence?*

– Há o cético universal e o crente universal. Acreditar ou não, não tem nenhuma importância. Crer ou não em Deus é uma questão boba. Um Deus que precisa que alguém acredite nele não tem força nenhuma. Não é divindade. O divino simplesmente toma ou não

toma alguém. Como nos cultos do candomblé, onde a hipótese da divindade vem e toma o corpo da pessoa.

■ *Por trás do Thomaz não há também a questão do poder? Um cara que materializa dinheiro, dissolve pedra na barriga do Henfil, não fica inebriado por esse poder?...*

– Fica... Mas os grandes mestres indianos jamais deram grande colher de chá para os poderes terrenos. Para eles, espiritualidade é independência ou liberação, não é sublimação na direção de um espírito desencarnado, de um absoluto.

Ninguém pode viver sem o ego. Mas, por outro lado, você só é o que é quando se libera do ego. É a gente se libera em instantes, em centelhas, em que você vê o real, o que os hindus chamam de *prana*. Você vê o si mesmo. Que é algo além do ego, é o ato de viver e respirar, de sair da ilusão da representação e da linguagem.

Mas o real, quando aparece, é como uma estrela que cintila no céu, morre em seguida, mas tem uma energia gigantesca nessa aparição e desaparecimento...

■ *E pode guiar as nossas procuras...*

– Exatamente. Para os gregos antigos, era no movimento de aparecimento e desaparecimento que a verdade se dava. A verdade se dá numa tensão entre o que se mostra e o que se oculta.

O pensamento questionador à consciência nos convida sempre a fazer a experiência de ultrapasse dos limites dela.

A diferença não é o outro, ela é minha relação com o outro. A diferença é aquela zona fronteira entre o determinado, que sou eu, e o indeterminado, que é o outro.

E onde é que está o real nisso? O real está sempre bêbado, pois oscila entre um lado e o outro. A diferença bêbada entre um lado e o outro oscila e, nessa oscilação, fico tonto e vejo o real. Eu posso ver ou não o real. Portanto, é um risco.

■ *Mas ninguém pode viver o tempo todo em situação limite...*

– Quando a experiência do limite passa, você volta ao ego, porque não é possível viver sem ele, já que ele é um grande orquestrador de ilusões e a ilusão é um dos caminhos de acesso ao real.

Temos de conviver com a radicalidade do instante. É a lógica da inspiração que faz com que, diante de 22 jogadores, Pelé veja o campo por inteiro num segundo e, a partir daí, faça o gol. Evidentemente, ele não está pensando nos filósofos pré-socráticos porque provavelmente não os estudou. Mas ele segue a lógica da inspiração, da ocasião, da oportunidade. Aí, não há homem e bola como sujeito e objeto separado. Ou seja, ele era a bola também. A metamorfose com o objeto, que certos artistas conseguem, é a mesma coisa: Pelé com a bola, Cézanne com a maçã que pintou.

“Estou discutindo o ato de crer. Não acreditar às vezes pode ser muito sadio”

■ *Mas você vê a linguagem como um elo entre o mundo dos pensamentos e o mundo físico. Já que agora está lidando com o mundo para-físico, a linguagem auxilia ou atrapalha?*

– Durante muito tempo dei aula de Teoria da Linguagem. O Saussure diz que a linguagem é uma coisa, o real é outra. Mas a maioria dos processos esotéricos diz o contrário, que os dois são a mesma coisa. Haveria uma correspondência entre o som, a palavra e o real. Alguns mantras têm efeitos físicos. Em Chicago, constatou-se que um mestre hindu foi capaz de apagar um incêndio com mantra.

Quanto a mim, levanto a hipótese de que o signo não é sempre arbitrário, estou tentando relativizar a hipótese saussureana da arbitrariedade do signo. Porque com o Thomaz isso me parece evidente.

■ *Alguém fala o nome de um perfume e ele o materializa.*

– Tem outros exemplos. Quando sentiu pela primeira vez o perfume de uma cesta de maçã verde, ele ficou encantado e passou a produzir em seu corpo este cheiro. E também o aroma do limão verde que tem na casa dele.

■ *Quer dizer, há uma interação de Thomaz com o ambiente...*

– É possível que a palavra sândalo evocasse nele um cheiro conhecido, para mim é um mistério. Mas o fato é que a palavra sândalo desencadeou nele o efeito de produzir perfume no próprio corpo.

■ *É uma coisa física...*

– Portanto, a palavra faz. Eu diria que é uma radicalização da teoria de um lingüista inglês, que divide os verbos entre performativos e constativos. Quando você diz: “A Terra é redonda”, é uma constatação. Mas quando se fala: “Vou convencê-lo da autenticidade desse fenômeno”, trata-se de uma promessa. Mas na promessa eu já tenho uma ação. Eu diria que Thomaz Morton radicaliza a performatividade da linguagem.

■ *Mas nessa sociedade materialista, como lidar com esse tipo de problemas?*

– Na pós-modernidade, onde a questão do paradoxo volta inclusive através da física, talvez o ser humano do futuro expanda sua consciência e lide com essas coisas mais naturalmente. Talvez até o homem ocidental esteja ficando mais esperto. Tudo parece ter sido uma astúcia histórica do Oriente. É como se os orientais tivessem dito: “Olha, vamos entregar isso aqui para o comércio, mas não vamos dar o ouro para os ocidentais, que essa gente talvez não mereça”.

■ *Você diz que o jornalismo traduz o senso comum, e tende a seguir a ciência no que ela tem de pior, ou seja, a tentativa de desmistificar tudo. Isto revelaria uma certa onipotência da mídia. Como é isso?*

– A mídia vai ao fundo a partir das possibilidades do seu próprio código, de registro de acontecimentos. Ela tem um quadro de referência prévio que já foi determinado, de forma não muito consciente por um grupo profissional de jornalistas, e ele quer sempre encontrar o que já sabe.

Me lembro de uma jornalista francesa do *Jour de France*, que publicou uma matéria sobre o assunto. Ela estava convencida da veracidade dos fenômenos, até o instante em que, conversando com o Thomaz com uma nota de dinheiro brasileiro na mão, ela a deixa cair e se abaixa para apanhá-la. Quando se abaixa, ela reencontra uma nota de franco francesa. Thomaz disse: “Transmutou-se em franco”. E ela então ficou convencida, a partir desse momento, que ele era um vigarista. E escreveu isso no *Jour de France*. Ela não tinha nenhuma prova, simplesmente disse: “Isso é demais para mim. Tem que ser um truque”. Acontece que ele faz notas compostas: pega uma nota de cruzeiro, transforma metade em ien japonês e metade em dólar, as duas ligadas. Com séries autênticas, papel real. E ela escreveu que era um vigarista. Olha que onipotência, que arrogância.

Teve outro jornalista francês que chegou lá e queria gravar logo, para não perder tempo e dinheiro. Mas Thomaz propôs antes comer um churrasco. Na churrascaria, o jornalista se queixou de cansaço, queria um calmante para relaxar. Thomaz sugeriu-lhe comer farinha de mandioca, dizendo que era um calmante que ele acabara de transmutar. “Se isso é calmante eu posso comer tudo”, duvidou o jornalista e comeu duas colheres. Em seguida, dormiu durante 48 horas. Quando acordou, achou que Thomaz tinha drogado a farinha para enganá-lo. E Thomaz é suficientemente brincalhão para tratar assim o arrogante.

■ *Então, o jornalismo é pouco indicado para tratar desse assunto...*

– Até hoje, a imprensa brasileira não conseguiu fazer uma cobertura decente sobre o fenômeno Morton.

Há muitas pessoas com poderes para-físicos, mas Thomas é diferente, é um verdadeiro catálogo, uma concentração de poderes. E minha preocupação é ajudar a fazer uma antropologia desses fenômenos no Brasil e, numa outra perspectiva, mostrar que fora da consciência pode haver pensamento. O pensamento é uma forma que se expande e, de repente, ele encontra outros materiais e aí ele se constrói.

“O real
está sempre
bêbado,
pois oscila
entre um
lado e outro”